



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE

UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS – UAG

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

MARIA JADIVÂNIA DE LIMA SILVA CÂNDIDO

**O GÓTICO EM CONTOS DE HORROR DE POE: análise das narrativas A
Queda da Casa de Usher e *O Retrato Oval***

GARANHUNS – PE

2019

MARIA JADIVÂNIA DE LIMA SILVA CÂNDIDO

**O GÓTICO EM CONTOS DE HORROR DE POE: análise das narrativas A
Queda da Casa de Usher e *O Retrato Oval***

Monografia apresentada à Banca Examinadora como requisito para a obtenção do título de licenciada em Letras, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Monaliza Rios Silva.

GARANHUNS – PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

217g

Cândido, Maria Jadivânia de Lima Silva Cândido

O gótico em contos de horror de Poe: análise das narrativas A Queda da Casa de Usher e O Retrato Oval / Maria Jadivânia de Lima Silva Cândido Cândido. - 2019.
43 f. : il.

Orientadora: Monaliza Rios Silva.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Letras (Português e Inglês), Garanhuns, 2019.

1. Gótico. 2. Terror/Horror. 3. O Retrato Oval. 4. A Queda Da Casa de Usher. I. Silva, Monaliza Rios, orient. II. Título

CDD 410

FOLHA DE APROVAÇÃO

A monografia intitulada **O Gótico em Contos de Horror de Poe: análise das narrativas *O Retrato Oval* e *A Queda da Casa de Usher***, da discente **Maria Jadivânia de Lima Silva Cândido**, foi apresentada e aprovada.

Aprovada em: 09/12/2019. Média Final: _____ (_____)

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Monaliza Rios Silva (Orientadora – UFRPE-UAG)

Prof^a. Dr^a. Marcia Felix da Silva Cortez (1^a Examinadora – UFRPE-UAG)

Prof. Dr. João Batista Martins de Moraes (2^o Examinador – UFRPE-UAG)

GARANHUNS – PE

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha amada filha Anna Larah de Lima Cândido que é a minha fonte de fortalecimento e incentivo para poder finalizá-lo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus** pela oportunidade de realizar esse grande sonho de obter uma formação superior.

Aos meus pais **Maria Nicéia de Lima Silva** e **José Cícero Ramos da Silva** pelo apoio e incentivo, mesmo sem saber a grandiosidade de ser graduado nos dias atuais.

Ao meu querido esposo **Rodrigo Tenório Cândido**, pelo apoio, incentivo e paciência de me esperar na realização desse projeto.

Às minhas amigas **Maria Aparecida da Silva** e **Deyslaine Daniela da Silva** pela parceria e cumplicidade durante toda essa jornada.

Aos nossos queridos **professores** que desempenham muito bem o papel de nos instruir até a reta final.

À minha querida professora e orientadora **Monaliza Rios Silva**, pelo grande auxílio na realização desse projeto.

E à minha amada filha **Anna Larah de Lima Cândido** que é o meu maior incentivo na vida.

*“When a madman appears thoroughly sane,
indeed, it is high time to put him in a strait-jacket”*

(Edgar Allan Poe, 1844)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a presença do gótico através de narrativas, partindo da caracterização de elementos específicos da narrativa como o espaço e os personagens. A estética gótica é um movimento antigo, estudos dizem que ele eclodiu em meados do século XVIII, teve grandes nomes representativos como Thomas James Mathias, William Shakespeare, Horace Walpole, Charles Robert Maturin, Mrs. Radcliffe e Lewis e nosso referido autor, Edgar Allan Poe. Como objeto de pesquisa foi utilizado dois contos do autor Edgar Allan Poe, a saber: *O Retrato Oval* (1842) e *A Queda da Casa de Usher* (1839). Utilizamos, sobretudo, o que Lovecraft (1987) define como narrativas de horror e sobrenatural para compreendermos a questão do gótico em contos do Poe, além de categorias da narrativa, tais como espaço e personagem como aparato metodológico para nossa apreciação dos contos em questão. Esses dois contos expressam, no decorrer de suas narrativas, elementos próprios da narrativa fantástica gótica. A caracterização do espaço, por exemplo se apresenta de forma a apresentar o terror/horror nos dois contos. Ambos apresentam também no fechamento de suas tramas momentos de absoluto terror, além de serem movidos pelo inconstante e persistente fantasma do medo.

PALAVRAS-CHAVE: Gótico. Terror/Horror. *O Retrato Oval*. *A Queda da Casa de Usher*.

ABSTRACT

This work aims to analyze the presence of the gothic through narratives, starting from the characterization of specific elements of the narrative such as space and characters. Gothic aesthetics is an ancient movement, studies say it broke out in the mid-18th century, had great representative names such as Thomas James Mathias, William Shakespeare, Horace Walpole, Charles Robert Maturin, Mrs. Radcliffe and Lewis and our aforementioned author, Edgar Allan. Put. As research object was used two short stories of the author Edgar Allan Poe, namely: *The Oval Portrait* (1842), and *The Fall of the House of Usher* (1839). We used, above all, what Lovecraft (1987) defines as horror and supernatural narratives to understand the issue of gothic in Poe short stories, as well as narrative categories such as space and character as a methodological apparatus for our appreciation of the tales in question. These two short stories express, throughout their narratives, elements proper to the fantastic gothic narrative. The characterization of space, for example, is presented in order to present the terror/horror in both short stories. Both of them also present in the closing of their plots moments of absolute terror, besides being moved by the fickle and persistent ghost of fear.

KEYWORDS: Gothic. Terror/Horror. *The Oval Portrait*. *The Fall of the House of Usher*.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
SEÇÃO 2	O Gótico	13
SEÇÃO 3	Edgar Allan Poe (1809-1849): Vida e Dois Contos Sombrios	18
SEÇÃO 4	O Elemento Gótico Presente no Conto “O Retrato Oval”, de Edgar Allan Poe (1842)	26
SEÇÃO 5	O Elemento Gótico Presente no Conto “A Queda da Casa de Usher”, de Edgar Allan Poe (1839)	31
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
7.	REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte tipo de medo é o medo do desconhecido. Esses fatos poucos psicólogos vão discordar, e sua verdade admitida deve estabelecer, por todo o tempo, a genuidade e dignidade do estranhamente horrível conto como uma forma literária (LOVECRAFT, 1973, p. 12).

Neste trabalho faremos uma análise dando uma ênfase maior a narrativas que partem de uma construção de elementos góticos fantásticos se apresentando num duelo entre o real e o sobrenatural. Para exemplificar nossas considerações sobre esse mundo fantástico e sombrio utilizaremos como material de análise dois contos do grande nome do gênero, o autor Edgar Allan Poe, um escritor que deixou sua marca registrada na Literatura de Horror, trilhando em sua curta carreira um caminho de escritos voltados à escrita gótica.

Temos como objetivo de pesquisa analisar a estética do gótico, partindo da construção do terror/horror através de elementos da narrativa, por exemplo, o espaço narrativo e os personagens, presente em dois contos de Poe. O primeiro a ser analisado é a curta e marcante história do *Retrato Oval* (1842). Esse conto foi escolhido para ser trabalhado em primeira instância, mesmo tendo sido escrito depois do outro, pelo fato de ser um conto mais curto e conseqüentemente com uma análise um pouco menor. *O Retrato Oval* trata-se de um conto que contém duas narrativas interligadas, cuja narrativa principal se inicia com o narrador-personagem, que se encontra ferido à procura de um abrigo para passar a noite. Seu criado decide arrombar um castelo abandonado e ambos se abrigam em um cômodo mais afastado do mesmo. O lugar era escuro e assustador, a mobília sofisticada e antiga, a iluminação partia apenas de um candelabro.

O narrador se acomoda em uma cama e encontra um livro contendo descrições das pinturas espalhadas pelo quarto e uma em especial lhe chama atenção. À primeira vista, o narrador tem a impressão de ver uma imagem tão real que fica impressionado e decide procurar a descrição daquela pintura. A narrativa em sobreposição à principal se inicia em que se lê que a pintura é de uma linda e jovem moça que se apaixonara por um pintor que vivia para seu trabalho. Um certo

dia ele pediu a ela para pintá-la e a jovem, que passara muito tempo longe do marido, aceitou, porém não sabia ela que posaria dia e noite sem trégua nem descanso e que os últimos retoques do quadro seria feito com pedaços de sua face e que ao finalizar a tela seu amado tiraria seu último suspiro.

O segundo conto a ser analisado é *A Queda da Casa de Usher* (1839), que narra a história de uma família de tradição antiga, seguindo uma linhagem de sucessão de pai para filho e essa sucessão é quebrada a partir do momento em que são gerados gêmeos na família. É como se a herança familiar, a casa, tivesse que ser dividida ao meio. Desta forma, esse fato de divisão, quebra de tradição e costume leva os Usher ao fim. O narrador descreve a decadência dos dois irmãos junto com a mansão e relata minuciosamente a maneira como os três estão interligados física e mentalmente. Ao longo do conto é feita uma caracterização peculiar do espaço: móveis antigos e velhos, longas janelas com cortinas antigas, tapeçarias sombrias entre outros. Os dois irmãos, Roderick e Madeline, sofrem de doenças mentais. Madeline, supostamente morta, é enterrada pelo irmão com a ajuda do amigo e ressurge no fim do conto com sinais de luta, ensanguenta e agindo como uma morta-viva, caindo em cima do irmão, conduzindo-o ao último suspiro junto com ela. Após essa cena de terror, o narrador-personagem deixa o local, aterrorizado. A casa desaba sendo tragada pelo lago.

Lovecraft (1987) nos mostra em sua citação no primeiro parágrafo a sua concepção em relação à Literatura de Horror. Levando em consideração que o autor é um dos grandes nomes do gênero, podemos considerar a verossimilhança dessa afirmação. O autor relaciona o gótico como uma literatura fantástica que promove, a partir da fantasia, uma narrativa que culmina com o efeito de sentido de terror/horror, impulsionados pelo medo.

Assim sendo, podemos dizer que a literatura de horror em si, pode se multiplicar em vários gêneros, e nessa grande massa de possibilidades podem ser encontrados diferentes graus de horror: psicológico, social, alegórico, gótico, ficção científica, fantasia, entre outros, para os quais é dada a função de causar o sentimento relatado por Lovecraft (1987): o do medo.

Os textos ficcionais de horror foram utilizados principalmente, como é de

costume da própria Literatura, num relato da vida real, transformado em alegoria hora risível, hora aterrorizante. É como podemos ver na fala de Esteves 2014:

O horror é outro ponto comum em suas análises dos relatos históricos sobre as lutas revolucionárias: “Muitas vezes encontramos cenas dignas dos mais pérfidos contos de horror. Execuções em massa, fuzilamentos, afogamentos; e a guilhotina, a ‘santa guilhotina’, como preferiam alguns, emblema por excelência do Terror.”. Apesar do cuidado para não estabelecer relações muito diretas entre os processos revolucionários e as práticas ficcionais, o argumento não deixa de ser válido. O caos estabelecido teria resultado em fatos tão objetivamente terríveis que demandou do esforço imaginativo uma ida aos infernos para superar o horror da realidade histórica (p. 61).

Diante dessa citação podemos dizer que a literatura fantástica de horror faz uso da imaginação humana para representar, a partir do sentido de medo, o que de fato é horror na vida real. De uma maneira fantasiosa os escritores contam a história do país e da população.

Ao longo deste trabalho explanaremos sobre o surgimento da escrita gótica, a maneira como essa nova linha de pensamento foi imersa no meio literário, seus grandes autores e suas principais características. Falaremos sobre a vida e a obra do grande nome da escrita gótica Edgar Allan Poe, que foi considerado um dos precursores do gênero dando um toque todo especial ao gótico. Poe apesar de ter uma vida marcada por percas e decepções conseguiu obter um reconhecimento significativo no meio literário, ele foi considerado um dos maiores autores da escrita de horror.

Usaremos como objeto de análise dois contos do autor, *O Retrato Oval* (1842) e *A Queda da Casa de Usher* (1839), ambos foram escritos utilizando técnicas típicas da escrita gótica contendo elementos característicos desse tipo de narrativa, predominando principalmente o medo e o terror.

SEÇÃO 2: O GÓTICO

A estética gótica, de acordo com estudiosos, eclodiu em meados do século XVIII com a descoberta da obra do escritor inglês Thomas James Mathias, no poema *The Pursuits of Literature* (1798). Apesar de essa obra ser reconhecida como a origem de uma nova forma de escrita, o gótico já era encontrado na posteriormente concebida Literatura Ocidental, desde o poema épico inglês *Beowulf*, em Homero e em peças de William Shakespeare. Mas, foi a partir dessa obra de Mathias que, segundo Esteves (2014), o gótico foi se consolidando e construindo características que viriam a ser próprias do gênero. Por exemplo, um vilão, uma bela e inocente vítima, um herói, além de apresentar uma história com rica exaltação do espaço, levando o leitor a penetrar no texto de uma maneira em que toda caracterização é tão minuciosa e detalhada que leva o leitor a, de fato, imergir naquele espaço apresentado.

Essa construção do gótico se dá também nos textos de Horace Walpole, publicados em 1764, sob o pseudônimo de Willian Marshal, tendo como título *The Castle of Otranto* que também é considerado um marco inicial dessa estética literária. Seus textos traziam uma crítica que tinha como objetivo diminuir a visão da importância de uma sociedade fantasiosa defendendo a obra de um ponto de vista formal na qual

[...] o leitor seria atraído pela objetividade de uma narrativa que não perde o foco: a catástrofe eminente não seria permeada de frivolidades nem de descrições desnecessárias, pois tudo funcionaria de acordo com um mecanismo preciso: o Horror. Ele seria a tecnologia literária responsável por manter o interesse por capturar a mente pelo apelo das paixões suscitadas (ESTEVES, 2014, p. 13).

A falsa identidade de Horace Walpole não durou por muito tempo e logo os leitores de sua novela começaram a questionar sua real autoria, uma vez que sua obra terminava com uma singela sugestão de pesquisa levando o leitor a duvidar da veracidade dos fatos trazendo um forte poder de persuadi-lo a questionar sobre os eventos sobrenaturais ali narrados. Com essa maneira dinâmica de escrita,

Horace Walpole acaba aguçando o ceticismo do leitor apresentando uma narrativa com uma construção rica em elementos absurdos, que fogem da realidade, mas no fundo produz uma base legítima de negociação entre o real e o sobrenatural posto na trama. É através deste truque que o escritor faz com que sua narrativa induza o leitor a imaginar, mesmo ciente de que tudo ali exposto faz parte de uma história inventada e totalmente fantasiosa, as verdades ali sucumbidas.

Com essa nova maneira de traduzir a realidade literariamente, Horace Walpole deixou até seu amigo, o reverendo William Mason, impressionado e incrédulo sobre sua autoria da novela *The Castle of Otranto* alegando ser irônico um letrado contemporâneo do século XVIII ter escrito uma obra como esta, afirmando que ele próprio fora enganado pelo amigo. A segunda edição, lançada em abril de 1765, traz acrescido a o adjetivo *Gothic* incorporado no título que passou a ser *The Castle of Otranto, a Gothic Story*. Nesta edição, no prefácio, o autor revela sua autoria, pede desculpas e explica que usou uma falsa autoria porque acreditava que daquele modo teria um julgamento mais imparcial da obra e, em caso de fracasso, seria esquecida. De acordo com Esteves (2014, p. 14-5):

o autor deixa bastante claro que seu modelo de inspiração é a natureza: “my rule was nature”, afirma Walpole. O modelo se traduziria na natureza sublime do vilão, em contraposição à ingenuidade da heroína, o que tornaria ainda mais execráveis as perversidades dele. As sensações impressas nos personagens deveriam refletir nos leitores. Fica clara a intenção de uma literatura de efeito que apela aos sentidos tratados como naturais.

O enlace das sensações instigadas no texto seria o caminho que levaria o leitor a aguardar um desenlace catastrófico, no qual espera-se que seja produzida no leitor a curiosidade desejada para a explosão do ápice, “e os afetos mobilizados pelas particularidades de caráter dos personagens que prendem a atenção e fomentam a expectativa durante os atos ordinários que conduzem a narrativa” (ESTEVES, 2014, p. 15).

Walpole argumenta que sua inspiração vem de algumas obras de Shakespeare, “*the great master of nature*” (ESTEVES, 2014, p. 15). Ele diz que copiou, em especial, o humor de suas peças com fontes de beleza e afirma que sua

importância ultrapassa a relação com uma obra específica. Além disso, o escritor comenta sobre a mistura de estilos, “na qual a seriedade convive com o risível” (ESTEVEES, 2014, p. 15). O autor reconhece que, talvez, sua obra não esteja à altura do projeto que a originou e que sua função era de potencializar o que foi trilhado por outros escritores na estrada até ele.

Apesar de julgar ter criado um novo tipo de romance, Walpole se orgulha mais de ter imitado, ainda que de maneira precária, um grande gênio. Afirma também que sua contribuição seria a invenção de uma forma híbrida de composição romanesca, pois, no que tange ao jogo de contrastes e aos efeitos gerados no leitor, o mérito é de Shakespeare (ESTEVEES, 2014, p. 16).

A cultura da estética gótica traz uma nova maneira de traduzir a sociedade, apresentando elementos sobrenaturais acrescidos de histórias aterrorizantes que trazem um elemento pouco utilizado em tramas anteriores, o **horror**, característica crucial do texto gótico, que traz o estranhamento como parte inicial da narrativa, seguida do **medo** e, em alguns textos, do **terror**. Essa nova proposta de escrita trouxe para a literatura uma abordagem dinâmica e inusitada, considerando as situações morais daquela época, mesmo a narrativa sendo criada inserida em um ambiente completamente fantasioso. O que deve ser notado pelo leitor é a dimensão real em que os personagens estão perpetrados.

Para Lovecraft (1987), a estética gótica tem toda uma trajetória construída sobre uma humanidade que passou a ouvir e a falar sobre estórias aterrorizantes, as quais se mostravam cada vez mais obscuras e demoníacas. Segundo o autor, em todo o século XVII e parte do XVIII é observada uma grande quantidade de “lendas e baladas de feição astrosa” (pag. 11). O romance *The Adventures of Ferdinand Count Fathom* (SMOLLETT, 1753) é considerado por Lovecraft um marco inicial da libertação da escola literária gótica “do horrível e do fantástico na ficção em prosa tanto longa como curta, cuja posteridade estava destinada a ser tão numerosa e em muitos casos tão esplêndida em mérito artístico” (LOVECRAFT, 1987, p. 12). Ele reconhece, assim como Esteves (2014), o inglês Horace Walpole como o fundador da história de horror literária como forma permanente. Vejamos:

Cultor do romance e do mistério medievais como diversão de diletante, e tendo por moradia em Strawberry Hill, a graciosa imitação de um castelo gótico, em 1764, Walpole publicou *O Castelo de Otranto*. Uma narrativa sobrenatural que, embora em si medíocre e de todo inconvincente, estava fadada a exercer uma influência quase ímpar na literatura do irreal. De início apresentada como simples "tradução" por um certo William Marshal, Cavaleiro de um fictício original italiano, "Onuphrio Muralto", mais tarde o autor assumiu a paternidade do livro e comprazeu-se em sua ampla e instantânea popularidade - uma popularidade que lhe garantiu diversas edições, pronta dramatização e imitações por atacado na Inglaterra e na Alemanha (LOVECRAFT, 1987, p. 14).

A caracterização do espaço e da construção da narrativa gótica é muito pertinente desde sua concepção. Lovecraft (1987) ressalta em seu livro, *O Horror Sobrenatural na Literatura*, que há uma rica contribuição dramática consistindo em primeiro lugar o castelo gótico com vastas distâncias e labirintos, alas abandonadas ou em ruínas, corredores úmidos, catacumbas escondidas, fantasmas e lendas tenebrosas. A narrativa geralmente inclui um nobre, tirânico e perverso vilão; uma heroína inocente; o valente herói, na maioria das vezes de nascimento nobre, porém normalmente em disfarce humilde; além de ser compostas por elementos constituintes de cena, como alçapões apodrecidos, lâmpadas que não se apagam, cortinas agitadas, entre outras características.

Depois de Walpole surgiram nomes como "Mrs. Barbauld", então Miss Aikin, que publicou, em 1773, um fragmento inacabado intitulado *Sir Bertrand*; Clara Reeve com *O Velho Barão Inglês*, publicado em 1777; *O Recesso*, de Sophia Lee, escrito em 1785; Ann Radcliffe que teve uma vasta quantidade de romances góticos publicados entre eles: *Os Castelos de Athlin e de Dunbayne* (1789); *Um Romance Siciliano* (1790); *O Romance da Floresta* (1792); *Os Mistérios de Udolfo* (1794); *O Italiano* (1797) e *Gaston de Blondville*, composto em 1802, mas só publicado em 1826.

Segundo Lovecraft (1987), a literatura gótica ganha um reconhecimento maior com contos de horror nos romances de Matthew Gregory Lewis (1773-1818), em especial em *O Monge* (1796), que obteve uma grande popularidade, em que o escritor ficou conhecido como "Monge" Lewis. Este era um jovem escritor que

desconhecia a maneira irreverente de escrever contos de horror da brilhante escritora Radcliffe. Lewis conseguiu, surpreendentemente, superá-la de uma maneira grotesca e exacerbada de formas muito mais brutais e tenebrosas do que sua predecessora. Ainda de acordo com Lovecraft (1987), *O Monge* é uma leitura que abrange descrições horripilantes, com um cenário característico do conto gótico, trazendo elementos como: diabo, morte, venda da alma, exorcismo, ambientes obscuros e abismos, além de ser uma leitura longa e enfadonha. Lewis também foi um escritor com uma boa quantidade de obras, dentre eles: *O Espectro do Castelo* (peça), de 1798, e ele ainda encontrou tempo para produzir outras peças de ficção em forma de baladas, tais como: *Contos Espantosos* (1799); *Contos Romanescos* (1801) e uma série de traduções do alemão. Outro grande gênio da criação do conto de horror foi o escritor Charles Robert Maturin (1782-1824),

[...] um obscuro e excêntrico clérigo irlandês. Dentre uma extensa coleção de escritos variados, que inclui uma confusa imitação radcliffiana intitulada *A Vingança Fatal ou a Família de Montorio* (1807), Maturin veio a criar uma obra-prima de horror, *Melmoth, O Vagabundo* (1820), em que o conto gótico elevou-se, as alturas até então desconhecidas de consumado terror místico (LOVECRAFT, 1987, p. 23).

Maturin é considerado um grande nome da literatura gótica e traz em seus textos todos os elementos de uma narrativa gótica. Porém, com uma imparcialidade incontestável, na qual “o medo é retirado da esfera do convencional e exaltado de modo a transformar-se numa nuvem negra pairando sobre o destino dos homens” (LOVECRAFT, 1987, p. 23). Seu romance mais famoso, *Melmoth, the Wanderer* (1820), contém cenas que ainda nos dias atuais não perderam seu poder de provocar horror em seus leitores, pois traz características de uma criação de horror modulado, sugestivo e artisticamente conformado, recebendo assim um louvor, um tanto mais especial que seus predecessores Mrs. Radcliffe e Lewis, exaltado por sua simplicidade e vitalidade.

A partir da emancipação da escrita de romances góticos, eclodido no século XIII, como uma cultura foram surgindo vários nomes que representam de maneira expressiva essa corrente literária, cada um com uma maneira peculiar e particular

de representar seu jeito gótico de contar histórias.

Um Grande nome da literatura gótica que representou com eminente brilhantismo essa maneira de escrita, foi o escritor Edgar Allan Poe, que traçou um legado de narrativas aterrorizadoras deixando sua marca na história da escrita literária gótica.

SEÇÃO 3: EDGAR ALLAN POE (1809-1849): VIDA E DOIS CONTOS SOMBRIOS



Fonte: Edgar Allan Poe (1849) Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Allan_Poe

Edgar Allan Poe foi um escritor estadunidense que nasceu na cidade de Boston, Massachusetts. Ficou órfão aos dois anos de idade, depois foi adotado por um comerciante, em seguida foi enviado à Escócia e à Inglaterra para fazer seus estudos. Em 1826, Poe matricula-se na Universidade de Virgínia na qual permaneceu por um ano. Durante o tempo que ficou na escola ele se dedicou ao estudo exclusivo de línguas: “grego, latim, francês, espanhol e italiano” (BECKER,

2009, p. 09). Porém, pouco tempo depois de ingresso na universidade a vida de Poe tomou um rumo diferente da expectativa da família. As atividades de diversão da universidade incluíam bebidas e jogos, foi onde o futuro escritor começou a adquirir dívidas e vícios. Edgar Allan Poe se tornara um alcoólatra ainda na universidade onde: “Muitos alunos possuem pistolas, as quais não hesitam em usar para defender sua honra, atmosfera retratada por Poe em seu conto *Mistificação*” (PERNA, LAITANO, 2009, p. 09, grifo do autor).

Com as dívidas e má conduta de Poe, em março de 1827, seu pai adotivo resolve não bancar mais seus estudos e ele é forçado a trabalhar sem vencimentos para a família. No entanto, pouco tempo depois o relacionamento com o pai fica ainda mais difícil e ele é expulso de casa. Poe parte para Boston onde publica seu primeiro livro de poemas, intitulado *Tamerlão e outros poemas* (1827), que não obteve sucesso.

Sem emprego e sem patrocínio, Poe vai sobrevivendo com alguns poemas publicados em jornais e revistas pequenas. Em 1833, ele ganhou um concurso literário do *The Saturday Visiter* (PERNA, LAITANO, 2009, p. 09). A partir daí, Poe começa a ganhar um pouco mais de reconhecimento e logo em seguida, através da indicação de amigos, ele começa a trabalhar como redator no jornal “*Southern Literary Messenger*” e tem chance de publicar alguns textos de sua autoria. Nessa época Poe apresentava crises de depressão que resultaram em algumas tentativas de suicídio.

Em 1836, Poe casou-se com sua prima Virginia Clemm, com quem viveu por 11 anos apenas. Poe mudou-se para Filadélfia logo após seu casamento e lá deixa seu emprego de redator para tentar publicar sua própria revista. Sem resultado, ele volta a ser redator e crítico, foi aí que ele viu seus textos começarem a ser publicados. Lançou seu poema *O Corvo*, anonimamente, na revista *Evening Mirror* (1839). Poema este que seria reconhecido mundialmente tempos depois.

Com a morte de sua esposa, Poe passou novamente por momentos difíceis, entregando-se ao álcool. Entre 1847 e 1849 ele publicou mais alguns textos e passou a ser definitivamente reconhecido como escritor. Então, começa a dar palestras e conhecer pessoas do meio literário, faz a corte a algumas jovens da

sociedade e pede outras em casamento, tudo isso em meio à bebida em excesso, overdose e crises de alucinações.

No dia 3 de outubro de 1849, Poe é encontrado por um amigo, plenamente embriagado nas ruas de Richmond, é levado para um hospital e após alguns dias vem a óbito, segundo Laitano; Perna:

Edgar Allan Poe foi uma alma perturbada, principalmente por ele mesmo, que teria dito, ao falar sobre seus textos, que o terror presente em suas histórias não seria fruto da sociedade a qual pertencia, mas sim de sua obscuridade interior, de seus medos e aflições, ou seja, das inquietações de um homem atormentado. No entanto, seja por ter dado voz aos seus sentimentos mais profundos, ou por ter vivido em uma época que não o compreendeu, produziu contos, poemas e ensaios que fascinam leitores e o consagraram como um clássico da literatura universal (2009, p.10).

Talvez tenha sido a triste trajetória vivida por Edgar Allan Poe no decorrer de sua miserável vida a motivação para um acervo tão brilhante em termos de histórias de horror na literatura americana. Os textos do escritor traziam, em sua essência, uma característica gótica que ainda não havia sido explorada por seus predecessores e nem os da sua época.

Em seus poemas, Poe apresentava o horror de uma maneira que levaria o leitor a se imaginar entrando em um abismo interior inerente aos mistérios da própria mente humana. O referido escritor veio desconstruir uma velha maneira de contar histórias de horror firmada ao longo dos anos por autores predecessores à ele que criavam suas histórias partindo sempre da escuridão, sem que houvesse a compreensão da base psicológica da sedução da criação do horror. Os textos dele reluzem uma narrativa diferenciada, decadente que nos levam a mais profunda ideia do fantástico produzido na nossa própria mente.

Ele viu claramente que todas as faces da vida e do pensamento são igualmente apropriadas como tema para o artista e, inclinado que era por temperamento ao extravagante e ao tenebroso. Decidiu ser o intérprete desses sentimentos poderosos e desses não raros acontecimentos ligados não ao prazer mas à dor, não ao crescimento mas à decadência, não à tranquilidade mas ao medo, e que fundamentalmente ou são contrários ou indiferentes, aos gostos e julgamentos

expressos tradicionais da humanidade, e à saúde, sanidade e bem estar geral normal da espécie (LOVECRAFT, 1987, p. 48).

Poe se dedicou não apenas ao estudo de línguas, mas também ao estudo da mente humana e isso o diferencia de outros autores pelo fato de ele não utilizar somente aspectos comuns da literatura gótica, e sim enriquecer seus textos com elementos marcantes de trajetórias explorando o horror da vida real de uma maneira grotesca e rude, mas também sutil e fantasiosa. É esse diferencial que fez de Poe um escritor com conhecimentos analíticos das verdadeiras fontes de horror redobrando a magnitude das suas narrativas efetivando uma confecção diferenciada da convencional na qual, digamos, atenha-se a mera criação de calafrios.

Capaz de escrever textos estruturalmente fantásticos, ele também escrevia prosas de cunho poético, “empregando o estilo arcaico e orientalizado de frases adornadas, repetições à feição bíblicas e estribilhos recorrentes usados por autores subsequentes” (LOVECRAFT, 1987, p. 52). E, segundo Lovecraft, é em dois dos seus contos menos poéticos, *Ligéia* e *A Queda da Casa de Usher* que encontramos a verdadeira culminância de maestria pela qual Poe “assume o seu lugar à testa dos miniaturistas ficcionais” (p. 52).

Ligéia é a história de uma primeira esposa de origem elevada e misteriosa, que depois de morta retoma mediante uma força de vontade preternatural para apossar-se do corpo da segunda esposa, chegando no último momento a imprimir o seu aspecto físico ao cadáver temporariamente reanimado da vítima. Apesar de um nada de prolixidade e de desequilíbrio, a narrativa alcança com implacável força um clímax aterrador. *Usher*, cuja superioridade em detalhe e proporções é marcante, insinua de maneira arrepiante uma vida obscura em coisas inorgânicas, e apresenta uma tríade de entidades anormalmente ligadas ao final de uma longa e retirada história de família - um irmão, sua irmã gêmea e a casa incrivelmente antiga, todos partilhando uma única alma e encontrando uma dissolução comum na mesma hora (LOVECRAFT, 1987, p. 53).

Esses dois contos apresentam a magnitude e a maestria utilizada por Poe que trazem, em suas criações, histórias e composições feitas a partir de concepções grotescas de medos humanos que são, relativamente, metamorfoseados no papel

e eleva a capacidade de envolvimento e interpretação do leitor. Os textos do autor distinguem-se mais nos incidentes e efeitos narrativos em geral que na composição de personagens, ou seja, ele investia mais na construção do espaço narrativo em si, não se atendo a um modelo unificado de mocinho e vilão. Sendo seu protagonista, na maioria das vezes, um “cavalheiro de família antiga e condição abastada, orgulhoso, tristonho, intelectual, altamente sensível, caprichoso, introspectivo, solitário e às vezes louco” (LOVECRAFT, 1987, p. 54).

No conto *O Retrato Oval*, com título em inglês *The Oval Portrait* (POE, 1845), é apresentada uma estória cujo narrador é o personagem principal e não há um diálogo entre ele e o narratário. O conto inicia-se com uma cena em ocorrência onde não há uma introdução que cita o momento em que o personagem está indo para o castelo, contribuindo para que seja criado mistério e suspense na trama, que apresenta momentos que provocam curiosidade ao leitor.

Esse conto do autor traz uma narrativa singular apresentando um *Mise en Abyme*¹, no qual há uma narrativa contada dentro de outra narrativa. O gótico aparece nesse conto no cenário, um castelo antigo com decoração rica e desgastada, as paredes cobertas por tapeçarias, o candelabro, às badaladas da meia noite. E, também no fantástico, que se coloca no modo como a esposa do pintor deixou-se pintar imóvel, sentindo-se obrigada a permitir que seu amado a pintasse, mesmo que arrancando sua pele, apenas movida pela felicidade de ver quão grande satisfação há da parte do pintor-esposo em retratá-la da maneira mais fiel à sua sublime beleza. Assim, o terror surge. Primeiramente, nas descrições minuciosas dos aposentos da pernoite do senhor e seu servo e, em seguida, da maneira contada no livro encontrado na cabeceira da cama do homem, o narrador, de como a jovem e bela esposa fora pintada por seu marido, transferindo sua vida lenta e dolorosamente, para a tela.

Em *O Gato Preto*, *The Black Cat* (POE, 1843), a representação do fantástico, do terror e do horror podem ser caracterizadas a começar pelo título do conto que traz um animal que remete a coisas negativas. O gato era preto, cor que remete à

1 *Mise en abyme* é um termo francês que costuma ser traduzido como "narrativa em abismo", usado pela primeira vez por André Gide ao falar sobre as narrativas que contêm outras narrativas dentro de si. *Mise en abyme* pode aparecer na pintura, no cinema e na literatura.

morte. De início, o gato era o objeto de cuidados do personagem principal sendo amado e apreciado pelo mesmo. No entanto, em um dia qualquer, farto da presença do gato e extremamente irritado com a mordida que ele lhe deu, o narrador arranca brutalmente os olhos do bichano e enforca-o em seguida, em uma árvore. No dia do enforcamento a casa pega fogo, reforçando o caráter sobrenatural da narrativa, que finaliza com um outro gato sendo encontrado pelo autor, apresentando as mesmas características do gato que foi morto, porém possuindo marcas do ato insano do narrador com Pluto. O narrador se incomoda pela lembrança e pela maneira como o bichano passa a acompanhá-lo em todos os lugares. O narrador-personagem decide, então, repetir o crime, mas é impedido por sua esposa.

Furioso com a interferência da mulher, ele acaba matando-a e colocando-a numa adega subterrânea, trazendo para o conto mais um elemento sombrio. Ao fim da narrativa, o corpo da mulher é encontrado por policiais e o gato encontra-se sentado na face da mulher morta que já se encontra em estado de decomposição. Segundo Lopes (2016):

Os símbolos: o gato, a cor preta, o fogo, a escuridão despertam o medo, pois estão diretamente ligados à, na maioria das vezes, negatividade. Este misto estruturado por Poe cria um clima mórbido, soturno, que gera o medo e o estranhamento. O horror causado pelo conto se intensifica ao pensar que esta história poderia ser real se observada por um aspecto racional atribuindo o mau comportamento ao uso do álcool; mas pelo autor usar símbolos ligados ao sobrenatural, a história oscila entre o racional e o irracional, sendo um conto escrito com maestria no universo fantástico (p. 04).

Como a maioria dos contos do autor, *O Gato Preto* apresenta características muito simbólicas da literatura gótica. E nesse conto ele traz um misto de fantasia e realidade que incrementa ainda mais a sua leitura, pois o próprio leitor perpassa a fantasia comparando a história com a realidade de um modo muito cruel e sombrio.

Em *A Queda da Casa de Usher* (POE, 1839), temos como personagens principais algumas características dos protagonistas citados acima. Há um casal de gêmeos, e um amigo de infância dos Usher, um cavaleiro. O irmão apresenta uma série de adjetivos: intelectual, tristonho, altamente sensível, introspectivo e louco; já a irmã é caracterizada como introspectiva, abastada e louca.

A narrativa é contada a partir da visão de um narrador-personagem que não tem seu nome revelado durante o conto. Ele se inicia com o narrador, amigo de Roderick Usher, contando sua chegada à Casa dos Usher e sua tormenta ao ver o cenário sombrio que permeava os arredores da mansão. Ao adentrar na casa, o ambiente não é muito diferente da parte exterior, “os entalhes do teto, as sombrias tapeçarias nas paredes, o negrume do ébano dos assoalhos e os fantasmagóricos troféus armoriais que rangiam quando eu caminhava” (*Id.* p. 4). Essa simbologia de elementos característicos como a atmosfera sombria, o ambiente mórbido, a existência do porão com criptas, onde Madeline foi colocada, o ranger do piso, entre outros faz alusão a uma narrativa gótica.

Ao encontrar o amigo, ele percebe que a aparência de Roderick está muito semelhante à aparência da casa, “uma compleição cadavérica; olhos sem comparação, grandes, fluidos e luminosos; lábios um tanto finos e muito pálidos” (POE, 2014, p. 4). Então ele lhe fala sobre o motivo de sua visita e explica para o visitante que está doente e que irá morrer. Roderick conta do medo e pavor que sente devido às sensações que tem por conta da doença. Desse modo, o fantástico é apresentado através do modo como ele fala sobre a influência da casa para com sua saúde mental e a doença da irmã que estava fazendo com que ela fosse definhando lentamente. Além disso, há uma possível visão do narrador sobre Madeline que o deixa, mais uma vez, impressionado e horrorizado com o modo como ela aparece e desaparece e como seu semblante se mostra ainda mais cadavérico que o do irmão.

Já o sentimento de medo e horror é transmitido no conto a partir do momento em que Madeline morre e Roderick chama seu amigo para ajudá-lo a colocá-la em uma cripta no porão da casa. O lugar é assustador, comparado a um calabouço usado na era feudal, úmido e escuro. Então, a morta é colocada lá pelo e irmão e seu acompanhante para que permanecesse por alguns dias até a chegada do funeral. Passados alguns dias depois da morte de Madeline, houve uma assustadora noite tempestuosa em que, nem o amigo e nem Roderick conseguiam dormir por conta dos ruídos provocados pela tempestade.

O último Usher vivo decidiu passar aquela noite terrível ao lado do amigo, que suspirou de alívio ao ver que não ficaria sozinho durante aquele horror. O narrador percebe a inquietude do amigo e decide ler um livro para ele, mas em alguns momentos da leitura o narrador sente como que os ruídos descritos na narrativa fossem ouvidos por ele, vindos de alguma parte remota da mansão. Logo, à medida que a leitura chegava ao seu ápice, o barulho ficava cada vez mais forte e próximo, foi quando surgiu a morta viva Madeline numa cena apavorante, com as vestes ensanguentadas e sinais de lutas sobre seu corpo, cai em cima do irmão e os dois desfalecem quase que num mesmo suspiro. O narrador, aterrorizado com a cena, sai correndo e assiste, num breve e sobrenatural espaço de tempo, à fenda que dividia as duas janelas da mansão se abrindo e suas paredes desabando, ao mesmo tempo em que a casa é engolida pelo sombrio lago que se fechou rapidamente sobre seus pés.

Em sua jornada literária, Poe escreveu um acervo de histórias fantásticas e impressionantemente aterrorizantes. O seu modo de escrever era um tanto particular. Em um ensaio, “Filosofia da Composição”, “The Philosophy of Composition” (In: *The Poetic Principle*, POE, 1846), Poe discorre sobre a maneira como ele articula suas narrativas de modo a cativar, cada vez mais, a atenção do leitor. No poema, ele utiliza “O Corvo” (The Raven), como exemplo. O autor explica que cada detalhe na criação da obra não é posto por acaso, pelo contrário, cada elemento é escolhido propositalmente para a composição da ação/reação esperada para com o leitor. Ele compara a criação a um problema matemático no qual é necessário ter precisão e uma sequência rígida para chegar a uma solução desejada. Vejamos como Poe argumenta sobre a escolha da criatura que representaria a sequência de versos, em “O Corvo”:

Não deixei de perceber, em suma, que a dificuldade estava em conciliar essa monotonia com o exercício da razão por parte da criatura que repetisse a palavra. Daí, pois, ergueu-se imediatamente a ideia de uma criatura não racional, capaz de falar, e muito naturalmente foi sugerida, de início, a de um papagaio, que logo foi substituída pela de um Corvo, como igualmente capaz de falar e infinitamente mais em relação ao tom pretendido (POE, 2000, p. 43-4).

A trajetória de vida de Poe é muito obtusa entre os críticos e alguns afirmam

que sua narrativa de vida teve influência direta com a sua trajetória literária, vez que ele passou por diversos problemas pessoais e profissionais que, talvez, tenham influenciado para a sua tão sublime maneira de criar narrativas tão aterrorizantes e grotescas visto que ele, além de passar por crises pessoais e profissionais, também se atreveu a estudar a mente humana de maneira que a sua própria já teria a maioria das respostas dos seus questionamentos individuais.

SEÇÃO 4: O ELEMENTO GÓTICO PRESENTE NO CONTO O RETRATO OVAL, DE EDGAR ALLAN POE (1842).



Fonte: O Retrato Oval (1842) Disponível em:

<http://portuguesprofmariacris.blogspot.com/2013/08/o-retrato-oval-edgar-allan-poe.html>

O Conto O Retrato Oval, foi publicado pela primeira vez em abril de 1942, com o título original “Life in Death”. É um conto bem curto, mas abrange uma série de elementos que nos mostra que ele não é menos importante quanto os outros

contos do autor. Assim como o restante de sua obra, Poe, rigorosamente, apresenta detalhes de uma literatura voltada para a ideia fantástica de horror.

A narrativa é feita pelo narrador-personagem que busca um abrigo para passar uma noite e descreve do seu ponto de vista, a invasão de um castelo abandonado. Levando em consideração que ele se encontrava ferido durante todo o ocorrido.

Ao chegar à provisória hospedagem, o narrador faz uma explanação do espaço trazendo uma alusão a um ambiente rico em características góticas, a começar pela escolha do cômodo que era localizado em uma ala mais afastada do prédio principal do castelo, um ambiente escuro e assustador, aparentemente abandonado há um bom tempo. Segue a descrição do interior do ambiente:

A decoração era rica, porém estragada e vetusta. Das paredes pendiam colgaduras e diversos e multiformes troféus heráldicos, misturados com um desusado número de pinturas modernas, muito alegres, em molduras de ricos 15 arabescos dourados. Por esses quadros que pendiam das paredes - não só nas suas superfícies principais como nos muitos recessos que a arquitetura bizarra tornara necessários (POE, 2003, p. 81).

O narrador, logo no início do conto, faz uma ressalva em relação à existência do castelo. Quando ele cita que o edifício se comparava a “construções portentosas, lúgubres e grandiosas que há séculos assombrava a paisagem. [...] não menos na realidade do que na imaginação da senhora Radcliffe” (POE, 2003, p. 81). Uma vez que Ann Radcliffe, citada pelo narrador, foi uma grande precursora do estilo gótico, podemos dizer que essa ressalva nos remete a uma composição que será traçada a partir de atos obscuros que serão postos ao longo da trama. Assim sendo, o fantástico já se faz aparecer.

O espaço visto do ponto de vista do narrador-personagem pode ser considerado um ambiente desordenado, com diversas informações visuais. Porém, apesar da desordem do ambiente, o narrador fica impressionado com tamanha precisão dos aspectos modernos e vivazes dos quadros espalhados pelas paredes e cantos do cômodo. Chegada a hora de dormir, o dono do prédio ordena que seu

servo Pedro feche as pesadas venezianas do quarto e ascendesse as velas do grande candelabro próximo à cabeceira para que ele pudesse apreciar as pinturas, com a ajuda de um pequeno livro encontrado na cabeceira da cama com breve explicação sobre cada obra. Nota-se que o episódio se passa em um ambiente fechado e escuro, tendo como foco de luz apenas poucos candelabros acesos. Pairava predominantemente a luz da noite, mais precisamente a luz da meia noite, como descrevera o narrador-personagem retomando um aspecto de medo e horror.

Quando tocara as badaladas da meia noite, o narrador-personagem sentiu a necessidade de mudar a posição do candelabro para melhorar sua leitura que já não estava numa posição confortável. Com a mudança da posição da um, há um enfoque maior em um quadro até então despercebido pelo narrador. Era de uma moça jovem. No entanto, o efeito da luz produz uma visão distorcida da imagem que, aparentemente, deu vida ao quadro. Em meio ao espaço tenebroso e a um suposto delírio, o personagem fecha e abre os olhos no intuito de ter uma visão melhor sobre a tela e concluir que não era apenas um delírio de sua mente, causada pela situação enferma e o ambiente em que se encontrara naquele momento.

Mas o movimento produziu um efeito completamente inesperado. A luz das numerosas velas (pois eram muitas) incidia agora num recanto do quarto que até então estivera mergulhado em profunda obscuridade por uma das colunas da cama. E assim foi que pude ver, vivamente iluminado, um retrato que passava despercebido. Era o retrato de uma jovem que começava a ser mulher. Olhei precipitadamente para a pintura e, em um ato contínuo, fechei os olhos. A princípio, eu próprio ignorava por que o fizera. Mas, enquanto as minhas pálpebras assim permaneceram fechadas, revi em espírito a razão por que os fechara (POE, 2003, p. 82).

O narrador faz o uso da palavra “**fantástica**” (*Id.*, p. 84) para explicar a ilusão que tivera através do primeiro momento com a tela e, em seguida, ele dá uma explicação para seu delírio dizendo que tinha sido consequência do sono que afligia seus sentidos naquele momento. Voltando a si, o personagem fica curioso com o quadro e folheia rapidamente o livro até encontrar o número que faz referência ao **Retrato Oval**.

Ele lê a descrição escrita no livro e então se inicia a segunda parte do livro que é a segunda cena. Naquele momento, podemos dizer, que o autor utiliza nesse conto, assim como em outros de sua autoria, como por exemplo em “*A Queda da Casa de Usher*” (1839) o fenômeno *Mise en Abyme*, no qual há uma construção narrativa dentro de outra. É como se toda a história contada antes daquele momento não existisse mais e o narrador dá vida à leitura como uma cena real.

Na descrição é dito que a jovem retratada era de rara beleza e cheia de vida, que sua maldição fora apaixonar-se pelo pintor, era radiante e cheia de amor, odiando apenas os instrumentos de trabalho do amado que o afastara de sua companhia. E foi com tamanho desalento que a jovem resolveu aceitar o pedido do amado de retratar sua radiante beleza. Ela pousou durante semanas, imóvel em uma torre onde havia apenas um único foco de luz e, à medida que os dias se passavam ela definhava, porém seu amado, um pintor famoso de grande renome, não percebia que sua bela esposa estava esmorecendo melancolicamente.

Depois de alguns meses, o pintor se entregou à loucura e não permitia a entrada de ninguém no cenário de martírio da sua amada. No último momento quando faltara apenas alguns retoques a jovem reagiu por um último instante e o pintor deu a pincelada final, neste momento ele fica paralisado com a plenitude da obra exclamando que ela seria a “*própria vida*” (POE, 2003, p. 85) e logo em seguida, ele se vira para sua amada e percebe que ela estava morta.

Este conto apesar de possuir uma trama bem curta apresenta grande complexidade que pode nos levar a várias maneiras de interpretação. O terror que é descrito em apenas um parágrafo é de uma intensidade gótica fantástica que nos leva a várias interpretações. Olhando por um lado analítico, iniciaremos com o título do retrato *O Retrato Oval*, no qual, segundo o dicionário de Chevallier (1989), a palavra oval vem da semelhança com ovo e o ovo é considerado como a forma geométrica do mundo da perfeição que confirma e promove a ressurreição. Este foi o ato realizado pelo pintor, que representou sua esposa de maneira a exemplificar a criação do ovo, transconfigurando-a da vida real para o mundo fantástico, ou seja,

tela do quadro para que sua beleza fosse eternizada usando técnicas que hipoteticamente promovesse vida à imagem do retrato.

A parte em que podemos perceber a representação do horror no conto é encontrada na segunda cena, em que o pintor e marido da modelo, a bela jovem, fica obcecado em eternizar a beleza e jovialidade da amada transconfigurando sua vida real para a tela utilizando sua própria pele. Ao mesmo tempo em que a jovem se deixa ser pintada, sugada e ter pedaços da sua pele arrancada. Vemos que há a inserção do fantástico representado pelo tempo, no qual na realidade seria impossível uma pessoa, mesmo que no ápice da loucura, passar dias e noites trancada em um ambiente pintando, ou outra sendo pintada e definhando a medida que sua pele era arrancada. Também pelo espaço que deveria se tornar um ambiente de aconchego para o personagem principal, mostra-se como um lugar sombrio e insólito.

Contudo, observamos que o conto apresenta uma composição na qual podemos perceber nitidamente um texto construído sob a estética do gótico, com uma minuciosa construção do espaço que é escolhido propositalmente para estimular a curiosidade do leitor. A descrição detalhada dos elementos, um cômodo mais afastado, pouca iluminação, as badaladas da meia noite e a leitura feita apenas através da iluminação do candelabro. A loucura do pintor que preferiu dar vida ao retrato e permitiu a morte de sua amada agindo como se a imagem fosse eternizá-la.

SEÇÃO 5: O ELEMENTO GÓTICO PRESENTE NO CONTO A QUEDA DA CASA DE USHER, DE EDGAR ALLAN POE (1839).



Fonte: A Casa de Usher (1839). Disponível em: <https://resenhandosonhos.com/especialpoe-queda-da-casa-de-usher/>

O conto A Queda da Casa de Usher (The Fall of the House of Usher, POE, 1839) foi publicado pela primeira vez em 1839. O conto é narrado em primeira pessoa por um personagem cujo nome não é revelado durante toda narrativa. A trama narra os dias desse narrador-personagem na casa do amigo de infância Roderick Usher, que padece de uma doença rara e misteriosa que o faz definhar aos poucos e, sabendo do seu próprio fim, chama o amigo para acompanhá-lo nos seus últimos dias de vida.

A narrativa começa com o visitante descrevendo o caminho que percorre até chegar na apavorante mansão dos Usher. Ao chegar diante do edifício, o narrador fica impressionado com a aparência macabra da casa que, à primeira impressão, era um lugar assustador, o narrador descreve a intrigante sensação de insuportável angústia. Na mansão, moravam Roderick Usher e sua única parenta viva, a irmã gêmea Lady Madeline, que sofre de uma doença rara chamada catalepsia. Assim que chega à casa, o narrador é recebido com uma melancólica depressão do amigo

Roderick, que confessa sofrer de uma doença nervosa que atacou sua família e diz que está prestes a morrer.

Após alguns dias na casa, o amigo conta que Madeline veio a óbito devido à doença que a afligia. Roderick decide não enterrá-la de imediato no cemitério, mas colocá-la em uma cripta existente no porão da casa, pois o distúrbio da irmã às vezes durava dias e ele não tinha certeza de que ela estava morta, decidindo esperar duas semanas para, então, enterrá-la.

Depois de alguns dias, houve uma terrível tempestade e, durante a noite, o anfitrião faz de tudo para distrair o amigo e começa a ler um livro de sua escolha, dizendo que é o seu preferido *Mad Trist*, de Sir Launcelot Canning. A noite já parecia ser a mais assustadora da vida do narrador, então à medida que Usher ia lendo seu livro, as coisas iam acontecendo semelhante à leitura. Barulhos estranhos vinham de alguma ala remota da casa. Os ruídos iam surgindo de acordo com a leitura e parecia cada vez mais real.

Nesse momento do conto, podemos perceber a *Mise en Abyme*, na qual há uma narrativa sendo contada dentro de outra narrativa, o que para esse conto deu um ênfase ainda mais fantástico e grotesco levando em consideração os acontecimentos da cena do livro lido pelo narrador e pelos acontecimentos vividos pelos personagens Roderick e seu amigo durante a leitura. Na cena lida pelo narrador do conto era contada a história de Ethelred, o herói da irmandade que tinha um coração valente e estava disposto a negociar com o malvado eremita. O herói Ethelred ao atravessar a porta esperando encontrar o malvado, se depara com um horroroso dragão que pendia um escudo brilhante contendo a seguinte frase:

Quem aqui entrar, um conquistador será;
Quem o dragão matar, o escudo ganhará (POE, 2014, p. 22).

E, nesse momento da leitura o narrador conta que ouvira pela segunda vez ruídos semelhantes aos lidos no livro, porém com receio de seu amigo também escutar e se agitar ainda mais com tamanho horror. Nesse trecho do conto podemos notar o misterioso suspense de uma construção gótica que associa o fantástico com o real, Poe traz nesse momento da narrativa um ápice de medo e horror que vai se elevando a cada parágrafo lido.

O amigo de Roderick continua calmamente a leitura, porém ao ler o seguinte trecho:

E agora o herói, tendo escapado da terrível fúria do dragão, lembrando-se do escudo de bronze e de que havia quebrado o seu encanto, afastou a carcaça do seu caminho e dirigiu-se destemidamente, pelo chão de prata do castelo, para onde, em sua parede, se encontrava o escudo; este, na verdade, não esperou a total aproximação de Ethelred e caiu-lhe aos pés no chão de prata, com um estrondoso som retumbante”. (POE, 2014, p. 23).

O narrador revela notar uma visível alteração em Roderick, e vai para mais próximo do amigo que começa a falar sobre o que estava, de fato acontecendo. Roderick indaga ao amigo se ele não estava ouvindo os ruídos advindos do calabouço, onde se encontra o corpo de sua irmã, e afirma ter a certeza de que a enterrou viva e que ela havia se libertado.

Notamos uma construção progressiva que termina praticamente onde começou, pois o medo do irmão Usher era de sua irmã vir a óbito por conta da sua doença e deixá-lo sozinho, ao mesmo tempo o medo era de que ele próprio morresse e a deixasse só. No entanto ela não morre, mas ele a enterra viva e ela ao conseguir escapar de sua eterna prisão vem ao encontro do irmão que acaba, de fato, morrendo junto com ela.

Madeline surge repentinamente e cai sobre o irmão que já previa todo aquele terror e o destino finalmente une os dois novamente, só que desta vez na morte. Com toda essa encenação de horror, o amigo de Roderick e narrador da história foge aterrorizado e, ao olhar para trás, depara-se apenas com a lua vermelha como sangue avistada através de uma fenda que se abria rapidamente. Desta feita, a casa dos Usher desmorona em si mesma, sendo absorvida pelo lago.

O conto “A Queda da Casa de Usher”, de Edgar Allan Poe, inicialmente traz o elemento do gótico, que é despertado pelas sensações perturbadoras, levando o leitor a sentir a atmosfera fria e depressiva em que as personagens se encontravam. Notamos no trecho: “[...] em volta da mansão e da propriedade pairava uma atmosfera especial, própria do lugar e de seus arredores” (POE, 2014, p. 02). O narrador conta que aquele lugar é diferente de qualquer coisa que já vira antes, ele fala de um ambiente sombrio que o faz sentir uma inexplicável angustia. A descrição

do espaço é típica de construções góticas, por exemplo, uma mansão antiga, as árvores envelhecidas a sua volta, um lago comparado a um fosso de tão horrível, a rachadura que praticamente dividia a casa dando uma impressão de decadência e demolição, a aparência cadavérica dos personagens e suas doenças raras e sobrenaturais.

Também percebemos esta progressiva construção do desespero no trecho: “Senti que pairava uma atmosfera de tristeza. Um ar de severo, profundo e irrecuperável desalento pairava sobre as coisas e impregnava a tudo” (POE, 2014, p. 03). Pois, a narrativa se dá nesse processo de construção em abismo que começa e termina quase com a mesma cena, onde o que mais afligia o coração dos personagens era a chegada hora de findar a linhagem dos Usher e foi justamente o que aconteceu, a morte dos dois herdeiros e a queda da mansão.

Notamos, também, que o ambiente na mansão dos Usher se mostra sombrio e escuro revelando a presença do gótico, conforme se vê em: “Fracos raios de luz avermelhada penetravam pelas vidraças guarnecidas com rótulas, só conseguindo tornar visíveis os objetos próximos mais volumosos” (POE, 2014, p. 3). Logo o ambiente da casa pode ser considerado como um espaço escuro, sombrio e com pouca luz, essa é uma característica muito forte da construção gótica, por exemplo, a luz avermelhada que relembra o sangue, a pouca visibilidade que aguça o medo de não saber o que tem a frente, além da antiga mobília antiga que dá a impressão de estar num lugar assombrado.

Observando os elementos do ambiente e do cenário iniciais do conto, que compõem o espaço narrativo, percebemos que se enquadram com o tom melancólico da narrativa, no qual paira o gótico despertado através de elementos de tristeza, escuridão, sombras da noite, descritos pelo narrador sobre o dia que chega à casa do amigo Roderick Usher. Cabe ressaltar que o elemento do outono, presente na descrição, contribui como presságio para o que acontecerá no final do conto, a queda da mansão, pois no outono as folhas caem, assim podemos fazer uma relação comparativa.

Durante todo aquele triste, escuro e silencioso dia outonal, com o céu encoberto por nuvens baixas e opressivas, estive percorrendo sozinho, a cavalo, uma região rural

singularmente deserta, até que então avistei, com as primeiras sombras da noite, a melancólica casa de Usher (POE, 2014, p. 01).

Entendemos que a presença da arquitetura gótica no conto ajuda na composição do clima sombrio, pois na sala da mansão percebem-se abóbadas. Segundo Rossi (2008) o estilo arquitetônico gótico foi muito utilizado na construção de catedrais medievais, como torres lancoladas (inspiradas nos tetos das casas vikings), gárgulas, abóbadas, cúpulas e arcos em ogiva que se sustentam por si mesmos. Vejamos em:

[...] atravessei a cavalo o curto carreiro que levava até a casa. Um cavaleiro levou minha montaria, e avancei pelo arco gótico do vestíbulo (POE, 2014, p. 03).

[...] O olhar, porém, lutava em vão para perceber os cantos mais distantes da sala ou os recessos do forro em abóboda guarnecido com entalhes (POE, 2014, p. 03).

Tomamos a simbologia da casa, a mansão dos Usher, como um personagem da narrativa, pois a casa funcionava como um elo de ligação atrelado ao comportamento e às vidas dos irmãos Usher, além de ligação com o destino da família Usher ao final do conto. Logo, a casa sombria, velha, melancólica, triste e com uma rachadura que a dividia praticamente ao meio, cai quando os irmãos Usher morrem. Para Roderick, a casa era uma atmosfera que moldava o destino da sua família havia séculos e, à medida que ela vinha se desgastando ao longo dos anos e ultrapassando gerações, agora estava de uma vez por todas chegando ao seu fim e, com ela, fora-se também os últimos integrantes da família, que de uma maneira ou de outra parece ter quebrado uma linhagem tradicional na qual a casa era passada de pai para filho e jamais dividida.

[...] examinei mais atentamente o aspecto real do edifício. Sua característica principal parece ser a extrema antiguidade. Fora a grande desolação causada por séculos. Minúsculos fungos cobriam todo o exterior, pendendo dos beirais qual fina e emaranhada teia. [...] Talvez o olho de um observador mais atento conseguisse descobrir uma fenda quase imperceptível que riscava a frente do edifício desde o telhado, descendo em ziguezague pela parede até mergulhar nas águas turvas do fosso (POE, 2014, p. 02-03).

A casa é apresentada no texto como agente integrante da vida e da história dos Usher de uma maneira muito particular, visto que os moradores e camponeses dos arredores não diferenciavam ao denominar a casa da família Usher ou a casa Usher. E, nos últimos tempos, parece que a influência do ambiente estava cada vez mais integrada à família, uma vez que, à medida que ia ficando cada vez mais sombrio o entorno, a parte interna da casa ia também se desmoronando interna e visualmente a vida dos irmãos Usher:

A prova [...] podia ser encontrada, dizia ele [...] na lenta, mas inegável condensação de uma atmosfera que lhes era própria em torno das águas e das paredes. O resultado podia ser percebido, acrescentou ele, na influência silenciosa, mas perturbadora e terrível, que vinha moldando havia séculos o destino de sua família e que fizera dele [...] aquilo que ele era (POE, 2014, p. 07-08).

Partindo do pressuposto de que a família Usher está intimamente ligada à casa ao ponto de fundir-se com a mesma, atribuindo simultaneamente o sobrenome da família à própria propriedade. Relevante também é o fato da linhagem da família Usher não possuir linhagem duradoura.

[...] o tronco da linhagem dos Usher, embora tão antigo, nunca produzia qualquer ramo duradouro [...] Era essa deficiência pensava eu, enquanto repassava em pensamento a perfeita harmonia entre o aspecto da propriedade e o caráter de seus moradores, imaginando a possível influência que aquela podia ter exercido, ao longo dos séculos, sobre estes? [...] transmissão direta, de pai para filho, do patrimônio e do nome da família que havia ao longo dos tempos identificando ambas de tal modo que fundiram o título original da propriedade na estranha e equívoca designação de Casa de Usher? (POE, 2014, p. 02).

O gótico também ocorre através dos elementos de horror e medo provocados pela mansão diante do narrador que fica conscientemente perturbado quando olha para a mansão. Além disso, o elemento do sobrenatural é também persistente na narrativa, podemos notar através das sensações sentidas pelos personagens na mansão, pela maneira sobrenatural como a deterioração do ambiente afetava a vida e a saúde dos irmãos, através do cenário horroroso que permeava os arredores sombrios da casa de Usher.

[...] ao levantar os olhos de sua imagem no fosso para a própria mansão, surgiu-me na mente uma estranha visão? [...] Minha imaginação mostrava-se tão excitada que realmente acreditei que em volta da mansão e da propriedade pairava uma atmosfera especial, própria do lugar e de seus arredores, atmosfera que não se relacionava como o ar do céu, emanando antes das árvores apodrecidas, das paredes cinzentas, do fosso silencioso? Um vapor místico e pestilento. Espesso, entorpecido, sutil e lívido (POE, 2014, p. 02).

Observamos ainda que o sobrenatural é elemento marcado na cena da aparição e sumiço de Lady Madeline no aposento, provocando sentimento de medo no narrador. Madeline é uma personagem cuja descrição física não é mencionada e pela sua doença cataléptica, podemos considerá-la como uma morta-viva que estava transitando entre a melancolia e tristeza, e cuja suposta morte já era esperada por causa da doença. Madeline é como se fosse um fantasma, um vulto dentro da própria casa.

Enquanto falava, Lady Madeline [...] passou pela parte mais distante do aposento e, sem notar a minha presença, desapareceu. Olhei-a com profunda surpresa e uma ponta de medo e, no entanto, não encontrava explicação para esses sentimentos (POE, 2014, p. 05).

O sobrenatural e o estranho são elementos presentes na cena após a morte de Lady Madeline, aspectos que o narrador estranha e ao mesmo tempo acha natural Roderick não enterrar a irmã no cemitério, pois a falecida possuía uma doença de natureza incomum.

[...] uma noite, depois de me informar repentinamente que Lady Madeline havia morrido, ele disse que tinha a intenção de manter o corpo por quinze dias (antes do enterro definitivo) em uma das muitas câmaras simultâneas existentes no interior da mansão. A razão profana para essa estranha atitude, no entanto, era tal que não me sentia à vontade para discutir (POE, 2014, p. 08).

Notamos ainda o gótico presente através dos elementos do estranho, do terror, do medo ao extremo e do horror que são representadas pelo narrador do conto, através do momento que o narrador começa a leitura de um conto de Ethelred e a leitura dos episódios coincide com uma série de acontecimentos estranhos que

resultam com a cena da irmã morta, Lady Madeline ressurgindo do porão e caindo sobre o irmão. Nesse trecho a *Mise en Abyme* se apresenta em espiral onde existe um eterno retorno presente na narrativa central que é a morte que ronda as narrativas do livro, “*Mad Trist*”, lido pelo narrador e do próprio conto. Além da semelhante história das sucessões de linhagens malogradas de famílias abastadas, pois no conto percebemos uma perturbação em relação a ligação dos irmãos Usher que quebra a ligação da linhagem sucessiva direta de pai para filho, sendo o casal de irmãos uma anomalia da tradição familiar, levando a ruína da família e da casa.

Um momento absolutamente marcado pelo terror, de maneira a ser considerado como o ápice do conto, em que o medo é apresentado em um nível muito elevado que, leva o leitor a entender que Roderick tenha enterrado sua irmã viva conscientemente e que isso o deixara ainda mais perturbado. É como se, uma vez que a linhagem tenha saído passada de pai para filho, o fato de eles serem gêmeos e ter que dividir a mansão e a história, teria causado um sério caos na família e Roderick já tinha decidido quem deveria morrer, mas o destino não o perdoou por tão cruel e terrível ação que sua irmã, enterrada viva, veio lhe buscar.

[...] mas além da porta estava de fato a figura alta e amortalhada de Lady Madelaine de Usher. Havia sangue em suas vestes brancas e sinais de violenta luta por todo o seu corpo emagrecido. [...] Depois, com um gemido baixo e queixoso, caiu pesadamente sobre o irmão, e em sua violenta e agora final agonia. Arrastou-o para o chão já morto (POE, 2014, p. 12).

De acordo com toda essa construção do conto, podemos dizer que prevalecem o medo, a tristeza, a melancolia e o tormento envolvendo os personagens, principalmente o personagem Roderick Usher, que sofria com males que atingiam além de seu corpo e mente, como podemos perceber no trecho: “Neste deplorável estado de abatimento sinto que mais cedo ou mais tarde chegará um momento em que vou ter que abandonar ao mesmo tempo a vida e a razão, na luta com o fantasma sinistro do medo” (POE, 2014, p. 04).

A partir da análise feita acima, não podemos negar que essa obra de Poe é uma criação astuciosa de Poe. Em uma análise mais profunda e particular, podemos comparar a construção do conto como uma performance da mente humana.

Tomando isto como pressuposto, podemos dizer que a partir da leitura do conto é como se o leitor penetrasse não na casa da família Usher, na casa Usher, mas sim, na mente dos Usher de uma maneira muito profunda.

Percebemos que o conto é permeado por um círculo que inicia com um processo de estranhamento, na chegada do narrador à casa e na percepção que ele tem do ambiente melancólico. Do medo que o assola ao entrar na mansão e observar todas aquelas características assustadoras, diante do cenário apresentado. Do horror da aparição quase remota de Madeline no quarto. E do terror causado pela ressurreição da morta-viva, que aparece repentinamente no quarto, terrivelmente assombrosa, com sinais de luta e ensanguentada se jogando em cima do irmão.

Desta feita, o caminho é percorrido ao contrário, temos o horror ao ver os dois irmãos mortos ali diante de si, o medo porque a mansão começara a desabar e o narrador sair correndo apavorado e, por fim, o estranhamento vendo que toda a mansão fora praticamente engolida pelo lago, que na trama é tão horrendo que é tratado como fosso.

Diante destes aspectos, podemos dizer também que a representação feita por Poe da mente humana se dá de uma maneira decadente. Vemos no momento em que os dois amigos estão indo com o corpo de Madeline para o porão da casa. Cada detalhe apresentado pelo autor é de extrema decadência na qual a trajetória percorrida pelos dois vai ficando cada vez mais profunda, difícil e quase sufocante.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi visto até aqui, concluímos que o escritor Edgar Allan Poe foi um escritor revolucionário na Literatura de Horror, sob a estética gótica. Mesmo tendo uma vida muito turbulenta, dividida entre perdas familiares, crises financeiras e envolvimento com vícios, além de ter falecido tão jovem, o autor foi um gênio na Literatura e deixou um acervo de contos e poemas a partir de uma imaginação do medo, capaz de instigar no leitor sensações inesperadas.

Nos dois contos analisados, temos a morte como o ápice das narrativas, elemento característico da escrita gótica. Podemos notar também a loucura vivenciada pelos personagens nos contos. Outro ponto comum é o engenho com que Poe constrói o espaço narrativo em seus textos para representar o sinônimo de decadência da sociedade, trazida no decorrer dos contos.

No conto *O Retrato Oval*, essa decadência é mostrada a partir do momento em que o pintor fica obcecado em criar uma imagem que eternize a beleza de sua amada usando pedaços do corpo dela para tal e permitindo que ela definha até a morte. Dando importância mais à pintura que à própria esposa viva em sua frente.

Em *A Queda da Casa de Usher*, por exemplo, notamos esse sentido de decadência. Em primeiro lugar, na evolução da doença dos dois irmãos que definham aos poucos de maneira lenta e visível. Em segundo lugar, no momento em que Usher e seu amigo descem ao subsolo para colocar o corpo da irmã, supostamente morta, em uma cripta. A descida até lá e a rica caracterização do espaço feita pelo autor nos lembra um sentido de decadência profunda.

Contudo, nossos estudos nos levaram à conclusão de que a escrita gótica produzida a partir da literatura fantástica de horror nos remete a um mundo de diversas possibilidades, no qual o autor tem a possibilidade de usar os elementos da narrativa, a exemplo do espaço e do tempo, como pontos fundamentais na

construção narrativa específica desse gênero. Além das sensações que podem ser provocadas a partir do uso desses elementos como, por exemplo, a morte que é um emblema que aparece com muita frequência nos contos de horror, e ela nos remete ao sentido de medo do desconhecido porque, apesar de convivermos com a morte constantemente, ela ainda é um mistério para o ser humano no sentido de que não sabemos o que acontece após a morte e nem o momento exato que deixaremos de viver. O horror extremo é exatamente isso: é viver sensações que nos levem a acreditar que estamos diante da morte ou prestes a morrer naquele momento.

7. REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GUEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

ESTEVES, Lainister de Oliveira. **Literatura nas Sombras: usos do horror na ficção brasileira do século XIX**. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

LOPES, Marihá Mickaela Neves Rodrigues. Edgar Allan Poe e a Simbologia do Medo. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdocena/wp-content/uploads/2016/01/Marih%C3%A1-Mickaela-Neves-Rodrigues-Lopes.pdf>>. Acesso em 03 out. 2019.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O Horror Sobrenatural em Literatura**. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1987.

PERNA, Cristina Lopes; LAITANO, Paloma Esteves. **O Clássico Edgar Allan Poe**. Porto Alegre: Letras de Hoje, 2009.

PEREIRA, Aline Brustello; GAMA-KHALIL, Marisa Martins. O Espaço e o Fantástico na Obra de Edgar Allan Poe. In: Revista Horizonte Científico. Vol 2, nº 2, dez/2008.

POE, Edgar Allan. **A Queda da Casa de Usher**. Tradução de Luiz Antônio Aguiar. Brasil: Editora Melhoramentos, 2014.

_____. **Complete Poetry of Edgar Allan Poe.** São Paulo: Signet, 2001.

_____. O Retrato Oval. In: **Contos Universais.** Trad. Márcia Pedreira. Coleção Para Gostar de Ler, Vol. 11. São Paulo: Ática, 2003, p. 49-53.

_____ **Histórias Extraordinárias.** Trad. Clarice Lispector. São Paulo: Ediouro, 2002.

_____ **The philosophy of composition.** In: Matthews, Brander, ed. (1852–1929). The Oxford Book of American Essays. 1914.